

**Programa Globo Rural:  
Um exemplo de Jornalismo Literário em mídias eletrônicas<sup>1</sup>**

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Monica Martinez<sup>2</sup>  
Universidade Metodista de São Paulo/UniFIAMFAAM**

**Resumo**

A partir das reportagens especiais exibidas no Programa Globo Rural no período de janeiro de 2008 a janeiro de 2009, esse trabalho visa identificar em sua composição elementos do Jornalismo Literário na visão do estudioso norte-americano Mark Kramer e do pesquisador brasileiro Edvaldo Pereira Lima. A hipótese é a de que narrativas aprofundadas, mais presentes em jornalismo impresso, também podem ser encontradas na mídia eletrônica. A análise quantitativa revela a exibição de 135 reportagens especiais no período, sendo que a análise qualitativa sugere a presença dos elementos-chave do Jornalismo Literário propostos pelos autores no universo de nove reportagens selecionadas na triagem inicial.

**Palavras-chave**

Comunicação; Narrativas Contemporâneas; Jornalismo Literário; Televisão; Programa Globo Rural.

Na mídia eletrônica, o programa *Globo Rural* ocupa um lugar especial. O horário matinal, sem tanta pressão dos medidores de audiência, como o Ibope, permite coberturas aprofundadas, que são editadas com tempo e esmero, de forma autoral. Isso porque os repórteres, além da colheita dos dados, também são responsáveis pela edição das matérias, tendo mais autonomia para utilizar o estilo autoral.

Neste contexto, a linha editorial também é um elemento importante, visto que o programa não se limita a uma cobertura noticiosa sobre o *agrobusiness* — embora ela também ocorra e seja bem feita. A pauta é ampla, amparada pela visão social e ambientalmente humanista de seu editor-chefe, Humberto Pereira, ex-frade dominicano que incentiva as matérias de fôlego, ao estilo dos documentários, que contemplam as atividades cotidianas e as tradições do homem do campo brasileiro.

O exemplo maior dessa configuração bem-sucedida talvez seja o especial *Os Tropicais*. Antigo desejo da redação, o projeto tomou forma no início de 2006, quando a equipe do Globo Rural montou tropa e refez a rota de 1 760 quilômetros de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo do DT1 Jornalismo, do IX Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, é pós-doutoranda do Póscom (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) da Faculdade de Comunicação Multimídia da Universidade Metodista de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação da Academia Brasileira de Jornalismo Literário, titular da disciplina de Jornalismo Literário do UniFIAMFAAM Centro Universitário e responsável pelo curso de Redação Criativa do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo. E-mail: [martinez.monica@uol.com.br](mailto:martinez.monica@uol.com.br).

Sorocaba, em São Paulo, revivendo no lombo de mulas a saga dos homens que começaram a suprir animais e víveres para as Minas Gerais.

Da expedição resultou um livro-reportagem, lançado pelo jornalista José Hamilton Ribeiro, intitulado *Os Tropeiros: diário da marcha* (Globo). Zé Hamilton, como é mais conhecido, que trabalhou na revista Realidade (Abril), faz parte da equipe desde 1982 e é provavelmente o nome mais conhecido do Programa.

Parte da produção recente do profissional, como *Os Tropeiros*, reflete a paixão pelo campo do jornalista nascido em Santa Rosa do Viterbo, no interior do Estado de São Paulo.

O formato de exibição do programa é tradicional, com apresentadores conduzindo o programa, e repórteres conduzindo as apurações de campo. Os dois principais apresentadores do programa dominical são os jornalistas Néelson Araújo (desde 1990 no programa, ou seja, há 19 anos) e Helen Martins (no programa desde 1996, portanto há 13 anos). Outros profissionais da casa eventualmente suprem ausências da dupla principal, até porque uma característica importante do programa é a polivalência dos profissionais, o que permite que os apresentadores também realizem reportagens.

Ana Dalla Pria, Cesar Dassie, Ivaci Matias, José Hamilton Ribeiro e Vico Iasi são repórteres especiais. Em 2008, Vico Iasi realizava pós-graduação na França e eventualmente colaborou com reportagens locais. O premiado jornalista José Hamilton Ribeiro é um capítulo à parte, estando no programa desde 1982, portanto há 27 anos. Ana Castro e Camila Marconato são produtoras de reportagem, mas esta última em particular faz reportagens com certa frequência e muita competência. Na cúpula está o chefe de reportagem Lucas Battaglin; o chefe de redação Gabriel Romeiro; e o editor-chefe Humberto Pereira. Pereira comanda o programa desde sua criação, em 1980, há 29 anos. Essa convivência longa, aliás, é outra característica que imprime identidade singular ao programa.

A estrutura do programa Globo Rural é fixa e manteve-se inalterada ao longo de 2008. Ela consiste em cinco seções: abertura, assuntos da semana, reportagens especiais, carta dos leitores e divulgação de eventos. Há sempre uma breve *abertura* opinativa, feita por um dos apresentadores, que na prática funciona como um editorial que emite a visão do programa sobre políticas públicas, novas legislações, iniciativas empresariais e pessoais, bem como eventuais reflexões sobre calamidades públicas, caso da enchente no Estado de Santa Catarina em 2008. Na abertura do primeiro programa analisado, do dia 2 de março de 2008, por exemplo, o tema da abertura, *Cerco na Amazônia*, discutia a regularização da gestão ambiental na região. Segue-se o texto na íntegra:

O governo e o Ministério Público estão apertando o cerco em torno dos problemas de meio ambiente na Amazônia.

A ação mais decisiva está se passando no estado do Pará, município de Tailândia. Lá, o problema é com a extração ilegal de madeira. O governo mandou a Força Nacional de Segurança para garantir o confisco da madeira e manter a ordem.

Além da ação policial, o governo também está pressionando o bolso dos fazendeiros: para conseguir o crédito agrícola, eles vão ter que comprovar a partir de agora que respeitam a natureza (Programa Globo Rural, 2009a).

*Assuntos da Semana* é a parte “quente” do programa, informando e, em alguns casos, interpretando os fatos ocorridos no intervalo entre a edição anterior e a atual. Nesse segmento são abordados *registros ambientais*, como secas e chuvas; *econômicos*, como alterações em políticas nacionais e internacionais, altas e quedas de preços de produtos; e também *sociais*, caso de manifestações de grupos como o MST (*Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*), entre outros. No programa do dia 2 de março de 2008, por exemplo, foram três os assuntos debatidos: a flutuação dos preços dos grãos no mercado internacional; a boa safra de uvas no Rio Grande do Sul; a paralisação das obras de uma usina de açúcar no Acre. Para finalizar o segmento, notícia sobre a aprovação de novas regras para o crédito agrícola na Amazonia, feita pelo Conselho Monetário Nacional.

As informações sobre as festividades, feiras e exposições em todo o país são bastante apreciadas e constituem um bloco à parte. À imagem dos posters acrescenta-se a voz do locutor em *off*, divulgando a informação relativa aos eventos. Essa informação não era disponibilizada no *site* durante a coleta de dados, mas atualmente essa lacuna foi sanada. Também bastante apreciada, a seção de resposta à carta dos telespectadores, sob responsabilidade do jornalista César Dassiê, é a parte mais interativa do programa. Ela está disponível como categoria para busca e consulta na rede, porém não aparece de forma explícita no sumário do programa disponibilizado na *internet*.

O carro-chefe do programa são as *reportagens especiais*. De uma forma talvez única no jornalismo massivo brasileiro, elas permitem aos repórteres cuidar de todo o processo jornalístico, da apuração à edição.

### **Levantamento do material para esta pesquisa**

A coleta de dados para essa pesquisa é de um ano, tendo sido feita no período de janeiro de 2008 a janeiro de 2009. A coleta inicia-se no dia 6 de janeiro de 2008, data importante para o programa, que celebrava os 28 anos de atividades com uma reportagem especial realizada pelo repórter Ivaci Martins sobre o Jalapão, no estado do Tocantins. A coleta conclui-se no dia 25 de janeiro de 2009. Não faz parte dessa análise o Programa Globo Rural Diário, exibido diariamente.

Como essa pesquisa concentra-se no material disponível de forma ordenada no *site*, desconsidera, portanto, o anúncio dos eventos semanais. Além disso, levando-se em consideração que o objeto da análise são as narrativas aprofundadas, o estudo não leva em conta quatro seções fixas: abertura, assuntos da semana, cartas dos leitores. Concentra-se, portanto, na categoria reportagens especiais.

O método de coleta foi dividido em duas fases. Na primeira, das 8h às 9h dos domingos, assistiu-se à exibição feita pela Rede Globo de Televisão<sup>3</sup>. Ao cabo do período de coleta, os dados foram tabulados, totalizando 135 reportagens especiais distribuídas ao longo dos 53 programas dominicais apresentados nesse período, com uma média de 2,5 reportagens especiais por domingo.

Com o objetivo de identificar possíveis elementos de jornalismo literário (Kramer, Lima) nesse material, foram selecionadas nove matérias de cinco repórteres do programa, o equivalente a 15% do material colhido. Em seguida, para fins da análise prévia, providenciou-se a versão impressa dessas nove reportagens especiais disponibilizadas pela emissora no *site* <http://globo rural tv.globo.com>. Cabe ressaltar que o *site* é extremamente bem organizado, facilitando o resgate e arquivamento das informações. Há oferta também do vídeo exibido, embora por um tempo reduzido, o que facilita a análise das imagens.

### **Para entender o paradigma Jornalismo Literário**

Por Jornalismo Literário, compartilhamos aqui o conceito de Edvaldo Pereira Lima, ex-professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e atual vice-presidente da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL):

Modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo (Lima, 2009).

Felipe Pena, professor de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), lembra que:

(...) os jornalistas sérios, comprometidos com a sociedade, têm seu espaço reduzido e buscam alternativas. O Jornalismo Literário é uma delas.

Só que é uma alternativa complexa. Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (Pena, 2006:13).

---

<sup>3</sup> Na televisão por assinatura, o programa é reexibido no próprio domingo pelo canal *Globo News*, das 17h05 às 18h.

Para definir de forma concreta os elementos de Jornalismo Literário, o jornalista e professor estadunidense Mark Kramer, co-autor de uma obra de referência na área, elenca oito regras para jornalistas literários (Sims; Kramer, 1996: 21-34)<sup>4</sup>. São elas:

1. Jornalistas literários imergem no universo do assunto e em pesquisas de profundidade<sup>5</sup>.
2. Jornalistas literários firmam pactos claros e sinceros sobre exatidão com leitores e fontes.
3. Jornalistas literários escrevem a maioria das vezes sobre acontecimentos rotineiros.
4. Jornalistas literários escrevem em “voz íntima”, informal, franca, humana e irônica.
5. Estilo conta e tende a ser claro e respeitoso.
6. Jornalistas literários escrevem de um ponto de vista desengajado e móvel, a partir do qual contam suas histórias, alteram o curso e se dirigem diretamente aos leitores.
7. Estrutura conta, misturando narrativa primária com histórias e digressões para amplificar e remodelar os acontecimentos.
8. Jornalistas literários desenvolvem sentidos ao basear-se nas reações subsequentes dos leitores.<sup>6</sup>

A partir dessa base, e apoiado em suas pesquisas e práticas, em 2008 o pesquisador Edvaldo Pereira Lima<sup>7</sup> revisa e amplia seu livro *Páginas Ampliadas* (Manole), adicionando um novo capítulo no qual amplia de sete para dez os traços básicos que visualiza em Jornalismo Literário (Lima, 2008: 351-389):

1. Exatidão e precisão.
2. *Contar histórias.*
3. Humanização.
4. *Compreensão.*
5. *Universalização temática.*
6. Estilo próprio e voz autoral.
7. Imersão.
8. Simbolismo.
9. *Criatividade.*
10. *Responsabilidade social.*

Acima estão em *itálico* os três novos elementos propostos pelo autor, que também aglutina algumas categorias anteriores devido à sua afinidade, como exatidão e precisão e

---

<sup>4</sup> O professor Mark Kramer, ex-Fundação Neiman, braço jornalístico da Harvard University, atualmente atua como escritor.

<sup>5</sup> A tradução foi realizada pela autora a partir do original, levando-se em consideração também a tradução em português disponibilizada em [www.abjl.org.br/seminario/](http://www.abjl.org.br/seminario/).

<sup>6</sup> No original: 1) Literary journalists immerse themselves in subject's worlds and in background research; 2) Literary journalists work out implicit covenants about accuracy and candor with readers and with sources; 3) Literary journalists write mostly about routine events; 4) Literary journalists write in “intimate voice”, informal, frank, human, and ironic. 5) Style counts, and tends to be plain and spare. 6) Literary journalists write from a disengaged and mobile stance, from which they tell histories and also turn and address readers directly. 7) Structure counts, mixing primary narrative with tales and digressions to amplify and reframe events; 8) Literary journalists develop meaning by building upon the reader's sequential reactions.

<sup>7</sup> Professor aposentado do Núcleo de Epistemologia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, atualmente Edvaldo Pereira Lima é vice-presidente da ABJL (Academia Brasileira de Jornalismo Literário).

estilo e voz autoral. A análise detalhada da proposta de Lima pode ser encontrada em *O Novo Capítulo 5* (Martinez, 2009).

Para testar as duas propostas, selecionamos nove reportagens especiais exibidas em 2008. Em oito delas, buscaremos individualmente, usando como critério a data de exibição, um dos elementos de Jornalismo Literário proposto por Kramer.

Para a segunda fase, buscaremos os dez traços propostos por Lima na série realizada por Néelson Araújo, que foi exibida ao longo de outubro de 2008. Trata-se de um caso especial mesmo para um programa que pratica tanto a reportagem especial: uma série inovadora sobre serviços ambientais focada na questão da água realizada pelo repórter Néelson Araujo, exibida ao longo do mês de outubro (dias 12, 19 e 26), com exceção do domingo 5.

### **Reportagem Especial 1: Jalapão, por Ivaci Matias**

*1) Jornalistas literários imergem no universo do assunto e pesquisas de profundidade.*

O jornalista Ivaci Matias mergulhou fundo no Jalapão para construir a matéria exibida na celebração de 28 anos do programa, tomando os quatro blocos do programa exibido no dia 6 de janeiro de 2008. A reportagem também celebra outra efeméride: os 20 anos da formação do estado do Tocantins, onde o Jalapão está localizado.

### **Reportagem especial 2: Algodão colorido conquista mercados, por Ivaci Matias**

*2) Jornalistas literários firmam pactos claros e sinceros sobre exatidão com leitores e fontes.* O repórter apresenta de forma honesta sua visão sobre os dados, inclusive o acabamento nas peças feito por cinco presos da cadeia de São Bento (ganham R\$ 80 por semana de trabalho). Trata-se de reportagem sobre a cultura de valor econômico mais resistente à seca cultivada no Nordeste, cujo produto dispensa tingimento (50% do custo do tecido), sendo, portanto social e ecologicamente interessante.

### **Reportagem Especial 3: Sabor de Cerrado, por César Dassiê**

*3) Jornalistas literários escrevem a maioria das vezes sobre acontecimentos rotineiros.*

Tem coisa mais prosaica que picolé? Pois é. Mas é este tema simples que o repórter César Dassiê usa de gancho para contar a história do sorveteiro de Goiânia que transporta para o palito as frutas do cerrado com muita consciência ambiental.

### **Reportagem Especial 4: Sucesso do zebu, por José Hamilton Ribeiro**

4) *Jornalistas literários escrevem em “voz íntima”, informal, franca, humana e irônica.* O jornalista José Hamilton Ribeiro trata com seu jeito roceiro de São Rosa do Viterbo (SP) um assunto que lhe é muito familiar: a história do gado zebu no Brasil (ele possui propriedade na região de Uberaba, onde foi introduzida essa raça de gado de corte).

#### **Reportagem 5: Café colombiano, por Néelson Araujo**

5) *Estilo conta e tende a ser claro e respeitoso.*

Para essa reportagem, Néelson Araujo desloca-se para a região dos Andes, na Colômbia. Na zona cafeeira, localizada na parte centro-oeste da cordilheira central, mais precisamente no departamento de Quindío, entre Manizales e Pereira, existem mais de 550 mil pequenos produtores de café. Para acompanhar o cultivo, o repórter fica três dias com o cafeicultor Dom Horacio Montoya.

Néelson Araújo é o repórter que atualmente produz as reportagens mais envolventes do programa. Tem estilo marcadamente humano, possuindo percepção notável para relatar o sentido dos fatos que se desenrolam a sua frente. Na estada com o produtor, situa a condição sócio-econômica da família de forma clara: “O cafeicultor de lá lembra mais o nosso pequeno produtor de leite ou o hortigranjeiro: ele vive com a renda da semana”. Deixa claro, portanto, que a família vive com orçamento justo, porém com dignidade. É a partir dessa base que, quando vemos o produtor recolher do chão um grãozinho de café, sabemos que ele não o fez por avareza. “Nunca vou esquecer dom Horácio andando pela lavoura recém colhida. De repente, ele pára para apanhar um fruto que tinha ficado para trás. Guarda no bolso, com o cuidado e o respeito de quem sabe o quanto vale um único grão de café”. A cena que o emocionou nos toca profundamente.

#### **Reportagem Especial 6: Roquefort, por Vico Iasi**

6) *Jornalistas literários escrevem de um ponto de vista desengajado e móvel, a partir do qual contam suas histórias, alteram o curso e se dirigem diretamente aos leitores.*

Em sua estada por motivo de estudos na França, o repórter colaborou com algumas reportagens especiais. A mais aprofundada foi sobre o queijo Roquefort. O jornalista conta essa história de uma forma muito sofisticada para os padrões televisivos. Ele a começa a partir da capital do país: “Tarde de verão em Paris: apesar do frio fora de hora, sempre tem gente comendo nas mesinhas das calçadas. A rua Mouffetard, abriga dezenas de lojas dedicadas à gastronomia francesa”. Iasi entra no assunto queijo e migra para o roquefort, feito à base de leite de cabras. Em seguida, o telespectador o

acompanha a uma agradabilíssima viagem ao sul da França para visitar a cidadezinha de Roquefort (“*Aliás, Roque, em francês, quer dizer rocha. Fort, forte*”, explica Iasi), passando a revelar o processo tradicional de produção por meio de famílias que estão no negócio há gerações. Inclui também uma lenda que ajuda a explicar a origem do queijo. No segundo bloco, fala sobre as ovelhas lacaune, típicas da região da qual é tirado o leite. No terceiro bloco, mostra-se as caves de produção e, como não poderia deixar de ser, o final é uma degustação que inclui quiche de roquefort, que se dirige diretamente ao telespectador por fornecer a saborosa receita.

### **Reportagem Especial 7: Pantanal, por José Hamilton Ribeiro**

*7) Estrutura conta, misturando narrativa primária com histórias e digressões para amplificar e re-emoldurar os acontecimentos.*

Na reportagem, o jornalista José Hamilton faz uma ótima construção narrativa, inclusive temporal, uma vez que havia visitado há 11 anos a reserva de Porto Cercado, que fica no Pantanal Norte, no Mato Grosso. Fica evidente a habilidade narrativa, uma vez que o profissional desfruta de grande familiaridade com a região, tendo até escrito livros infanto-juvenis sobre o tema.

### **Reportagem 8: A descoberta das letras, por Camila Marconato**

*8) Jornalistas literários desenvolvem sentidos ao basear-se nas reações subsequentes dos leitores.*

A produtora de reportagem Camila Marconato é uma revelação do programa. Da equipe jovem, ela é a construtora mais hábil de narrativas, tirando partido de sua facilidade de dialogar com graça e simpatia com os entrevistados. Nessa reportagem, uma segunda versão de *Alfabetização no Campo*, exibida em 7/9/2008, ela faz uma entrevista aprofundada com dona Julia Aquino, uma dona de casa de 69 anos que até pouco não sabia ler e cuja principal motivação era ler a Bíblia:

“Sou católica. Hoje eu leio um pouquinho. Para mim, eu leio”, conta. No dia da novena, a nosso pedido, dona Julia tomou coragem para realizar um sonho: ela sempre quis ser uma das leitoras nas celebrações da cidade, mas tinha vergonha. Na frente de todo mundo e da câmera, decidiu enfrentar o desafio. Conseguiu ler o salmo 23, e foi aplaudida de pé. “Tremi um pouquinho, pensei que ia titubear porque é a primeira vez, eu nunca li em público. Mas graças a Deus, nessa Bibliazinha eu leio tudo. Para mim, eu leio”.

Sem ser piegas ou sensacionalista, a emoção da primeira leitura pública de dona Júlia é comovente e envolve o telespectador pela sinceridade que ela e a repórter demonstram.



## Avaliação da proposta brasileira

Para análise da proposta de Edvaldo Pereira Lima, que consiste em dez elementos, selecionamos a série realizada pelo jornalista Nélson Araújo.

### Reportagem Especial 9: Serviços Ambientais, por Nélson Araújo

1. **Exatidão e Precisão.** A reportagem começa com uma provocação ao telespectador: se ele sabe o que é serviço ambiental e está disposto a pagar por ele. Em seguida, apresenta dados precisos sobre a questão do abastecimento urbano paulistano (os itálicos abaixo são da autora):

A maior parte do abastecimento de água da grande São Paulo, quem sustenta é o município de Extrema que fica no sul de Minas e *tem 24 mil habitantes*. É lá que o Globo Rural registra uma cena que talvez faça querer esfregar os olhos pra ver se é verdade.

O agricultor e produtor de leite Sebastião Frões deixou a propriedade e foi até a prefeitura, bem no centro da cidade. *Hoje é dia dez, dia em que a secretaria da fazenda faz pagamentos.*

Todo mês, ele põe a cara no guichê pra receber os “numerários”. É um dinheirinho bom, *repartido em vários cheques, cada um referente a uma gleba.*

Atrás do seu Sebastião chega outro proprietário rural. É o seu João Carlos de Carvalho que também foi pegar o seu cheque mensal.

Extrema criou uma lei que permite esse tipo de pagamento. Está no orçamento da prefeitura. *Projeto “conservador de água”.*

Só vendo mesmo pra acreditar. Um produtor rural recebendo dinheiro da prefeitura pela água que nasce na propriedade dele.

*“Eu recebo há sete meses”, diz um deles.*

“A primeira vez que vocês receberam não deu vontade de dar um beliscão para ver se era verdade?”, pergunta o repórter.

“Achava que isso aí era conversa, mas deu certo. *Estou recebendo 1435 reais*”, diz um deles.

Percebe-se de cara a pauta inovadora: em vez de punição tradicional por estar poluindo ou desmatando a região, essa é uma história de pequenos produtores que estão sendo subsidiados pelo município para preservar a qualidade da água potável.

## 2. Contar histórias.

No segundo bloco, o programa conta passo a passo, de forma bem concreta, a implantação do projeto:

Quando se fala em conservação do meio ambiente, pensa-se muito em numa coisa aparatosa, normas, movimentação de especialistas, maquinário. Vamos ver a solução que encontraram lá.

A estrutura do projeto é bem simples: é uma mulinha que carrega os mourões, montanha acima, pois na parte inclinada da Mantiqueira, transporte só com tração animal e duas turmas de trabalho pequenas. A mão de obra é terceirizada. Os irmãos Messias e José Roberto Gianini pegaram a empreita das cercas.

Eles abrem cova, fincam o mourão, esticam o fio, batem o grampo e certificam o serviço: cerca boa vibra é que nem corda de viola.

“Vocês estão conseguindo fazer em média quantos metros de cerca por dia?”, pergunta o repórter.

“Uns 150 metros”, dizem eles.

Em um pasto estão acabando de cercar um terreno que dá bem a idéia de como é feito este serviço de conservação de nascentes em Extrema (Araújo, 2008d).

Mais adiante, vem a dimensão histórica:

Dez anos foi o tempo que o programa “Conservador das águas” levou para sair do papel. Projeto foi amplamente debatido na Câmara dos Vereadores e, já como lei, teve que ser regulamentado pelo conselho de meio ambiente de Extrema. Um mapeamento detalhado da bacia hidrográfica indicou a área mais degradada por onde começar: o Vale do Ribeirão das Posses.

A política do programa não é como a do setor de fiscalização do Ibama, por exemplo, com o propósito detectar e punir o que está fora da lei. Ali, procura-se discutir com o fazendeiro o que é possível fazer. “O projeto visa ajudar o produtor rural, dar o apoio financeiro, técnico, para ele estar dentro da lei”, explica Almeida (Araújo, 2008e).

## 3. Humanização.

A terceira parte da reportagem apresentada no dia 12 de outubro começa explicando que 5 mil paulistanos têm chácaras na região. Mas, apesar do lazer, o bem maior de Extrema é a água, que engrossa o sistema Cantareira, responsável pelo abastecimento de mais de 10 milhões de paulistanos. Para humanizar a narrativa, uma família que tomava a pura água do sistema Cantareira e, ao se mudar de Perdizes para o Brooklin, passou a receber água da represa Guarapiranga, mais poluída. Também aparece nesse trecho Elias Cardoso, um dos 40 proprietários rurais que participam do projeto (ele recebe R\$ 240 por mês). A humanização não é destituída de dados: “O orçamento do programa gira em torno de 20 mil reais por mês. Um custo baixo, considerado o alcance do projeto e não é prefeitura de Extrema que banca sozinha” (Araújo, 2008f). Entra em cena mais um colaborador: a ONG local apoiada pelo *The Nature Conservancy*, TNC, agência com sede nos Estados Unidos que atua na área de conservação ambiental há mais de 50 anos e que investe 250 mil reais na primeira fase do projeto.

## 4. Compreensão.

Um princípio do Jornalismo Literário proposto por Lima é a visão não reducionista, porém abrangente e compreensiva da realidade. No dia 12, na exibição do primeiro bloco da segunda parte da série, a reportagem aborda o financiamento externo vindo da Alemanha, no valor de R\$ 24 milhões, para manutenção do projeto “Pró-Mata”. O projeto é coordenado no país pela Oscip Amanhãgua no município mineiro de Baependi. O governo do Estado de Minas Gerais aporta R\$ 24 milhões no projeto, que começou em 2003 e pretende recuperar 140 mil hectares. Apesar dos números estarem lá, a cena importante é a do agricultor José Francisco Fernandes e a família ecebendo a veterinária Mônica Buono e o agricultor José Carlos Ibraim, da Amanhãgua, para assinar sua adesão ao projeto.

### **5. Universalização temática.**

No segundo bloco da segunda parte, o repórter explica: “A ideia que está sendo posta em prática em Baependi é a do ‘mosaico ecológico’. Não se trata de isolar uma grande área, como um parque, por exemplo, mas de criar um sistema capaz de interligar as áreas de vegetação nativa restantes nas fazendas” (Araújo, 2008h). A preservação ambiental é, sem dúvida, um tema contemporâneo que prima pela universalidade temática. Mais uma vez, o tratamento não é abstrato: a reportagem acompanha o pagamento concreto de um agricultor.

O pagamento é anual, no valor de R\$140,00 por hectare. Se o proprietário assume a instalação da cerca e o plantio, passa para R\$ 200. É o caso da família Fernandes, que põe no programa de conservação 16,6 hectares de sua propriedade.

O Globo Rural acompanhou o pagamento de quatro parcelas de R\$ 3.328. Em quatro anos, serão mais de R\$ 13 mil. Fizemos as contas com o José Francisco: a área que ele deixa de explorar para virar mata vai lhe render mais ou menos o equivalente a 30 queijos por mês. “Vamos reflorestar e preservar as nascentes sem prejuízo e sem trabalho”, conclui o agricultor (Araújo, 2008h).

### **6. Estilo próprio e voz autoral.**

Em toda a série, nota-se o estilo amistoso e coloquial do repórter Nélon Araújo. Em alguns trechos ele fica evidente, como no terceiro bloco da segunda parte quando Araújo explica o cultivo de uma espécie nativa, a candeia, parte do manejo da área realizado por alguns agricultores:

A candeia não faz luxo com terreno: nasceu pra enfrentar condições adversas. O solo é fraco, pedregoso, mal irrigado? Não tem importância. A candeia brota e sobrevive até no meio de uma laje. A natureza lhe concedeu uma estratégia de reprodução que é quase infalível: ela coloniza, ocupa a área ao redor formando bosques próprios, sempre na altitude que varia entre 800 e 1.700 metros. (...) Acredite: a cada florada, um único pé de candeia dá mais de 300 mil sementes. É uma sementinha minúscula, um grãozinho de nada. (Araújo, 2008i).

## 7. Imersão.

Depois de acompanhar a experiência nos municípios de Extrema e Baependi, no Estado de Minas Gerais, o repórter Néelson Araújo vai à fonte da ideia: a cidade de Nova York, nos Estados Unidos, onde os agricultores localizados em áreas de mananciais são bonificados há 18 anos pela prefeitura nova-iorquina, que descobriu que é mais barato pagar pela preservação que pela remoção dos resíduos da água. O repórter prova da água de torneira com um casal formado por um americano e uma brasileira:

Na casa da família “Swafts”, periferia de Nova York, é assim. Pra servir uma visita, o Sasha “Swafts”, que é empresário e viaja o mundo todo vendendo máquinas, não tem pejo de encher a jarra na torneira e levar direto pra mesa.

“Vocês sempre bebem da torneira?”, pergunta o repórter.

“Desde criança. Aprendi assim. Meus vizinhos, meus amigos. A gente confia. Até em restaurante, a primeira coisa que fazem é trazer uma jarra de água da torneira.”, diz ele.

Sasha só não se surpreende com o fato de ser notícia pra nós o que é comum pra ele porque é casado uma brasileira, a dentista Luciana. Eles se conheceram num vôo. Ela morava na zona sul de São Paulo onde água tem um gosto forte por causa do pesado tratamento químico.

“E como a Luciana reagiu quando você ofereceu água da torneira pra ela?”, pergunta o repórter.

“Ela olhou pra mim muito desconfiada, não queria tomar”, diz ele.

“Eu perguntei. Falei: “como assim? De onde vem? Ele me explicou que é de uma reserva natural e que é extremamente pura”, conta Luciana.

“Esta água tem o frescor de uma manhã de verão, quando está úmido lá fora, o sol nascendo entre as árvores”, conta ele.

“O gosto é ótimo. O cabelo fica mais bonito, a pele mais macia. É realmente muito gostosa”, diz Luciana (Araújo, 2008j).

Em seguida, ele pega a estrada para um mergulho profundo nas montanhas de Catskill, de onde brota a água consumida pelo casal.

## 8. Simbolismo.

A concepção do projeto, como diz Tocqueville (1962), baseia-se na concepção americana de democracia, trabalho duro e sério, bem como fixação de raízes em longo prazo no lugar em vez do conceito extrativista de arrancar o máximo da propriedade para fazer um “pé de meia” e desfrutar a vida em outro lugar. Essa concepção é bem transmitida pelo repórter:

No estado de Nova York não existe uma lei, como no Brasil, que determina a preservação permanente do entorno de nascentes e das beiras de rio. No Brasil o proprietário é obrigado a deixar um mínimo de 30 metros em cada lado por conta dele. Em Nova York não. O governo paga para o fazendeiro não usar a área de mata ciliar se ele, fazendeiro, quiser participar de um programa de conservação. No caso do John Hussuy ele alugou para o Estado dois hectares ao longo do ribeirão.

“A margem do rio está alugada para o governo por quanto tempo?”, pergunta o repórter.

“Por quinze anos. E pode ser renovado. Isso não faz parte da parceria com Nova York. É um programa paralelo do governo federal.”, conta. (Araújo, 2008k).

## 9. Criatividade.

Em Nova York, o repórter visita o universo dos proprietários que, ao entrar no programa, recebem o título de "guardião das nascentes". Ele vai decupando para o telespectador, de forma suave, a simbologia das imagens, como os onipresentes gramados dos estadunidenses, que nesse canto se fundem com a área preservada. No segundo bloco da terceira parte da série, um dos proprietários emprega metáforas sobre a água, que são aproveitadas pelo repórter ("Ela é suave, equilibrada, macia na boca... Nós aqui costumamos dizer que é o champanhe das águas. Pra nós não tem melhor no mundo" (Araújo, 2008l).

#### **10. Responsabilidade social.**

O conceito permeia toda a série. Ao término do último bloco, o engenheiro florestal Tom O'Brien, diretor executivo da Wac, Watershed Agricultural Council, dá exemplos práticos dessa simbologia, trazendo o telespectador de volta à concretude:

"As pessoas que consomem água têm que compreender que essa água vem de algum lugar, de uma parte da natureza que não lhes pertence. Cuidar das nascentes, dos mananciais, tem um custo. Nada mais justo do que pagar por esse serviço ambiental que nos garante a água pura."

Afinal, informa o repórter mais adiante, de cada dólar investido na preservação do ambiente, Nova York economizou sete no tratamento convencional da água.

#### **Conclusão**

A análise das oito reportagens especiais do Programa Globo Rural à luz da proposta de Kramer revela que os traços apontados pelo estudioso estadunidense estão presentes. A aplicação da proposta de Lima sobre a série realizada pelo repórter Néelson Araújo também se apresenta de forma sugestiva.

A principal conclusão desse trabalho é a de, no universo da televisão brasileira, as reportagens especiais do Programa Globo Rural podem ser caracterizadas como expoentes da corrente do Jornalismo Literário nos moldes propostos pelos dois autores.

Ocorre realmente um marcante estilo autoral nas reportagens especiais do programa, permitindo que, mesmo dentro de um editorial bem definido como é o do programa no ar desde 1980, sejam ressaltadas as características individuais dos repórteres. Esse fato garante um sabor todo especial ao programa como um todo, ressaltando a musicalidade e o ritmo das narrativas de Néelson Araújo, a postura mais

urbana de Helen Martins, a tendência para coberturas convencionais das reportagens de Ivaci Matias ou a envolvente empatia despertada pela jovem produtora de reportagens Camila Marconato, entre outros.

A análise do Programa Globo Rural demonstra que é possível fazer narrativas aprofundadas e envolventes em televisão, que respeitem a inteligência do telespectador ao mesmo tempo em que trabalhem temas tão diversos quanto a produção de picolés, catástrofes ambientais ou a preservação da natureza.

No fundo, essa análise revela que mesmo em tempos de inovação tecnológica, o Jornalismo bem feito compreende uma série bem conhecida de elementos. São eles: pautas apropriadas ao público com o qual o programa interage, que tenham enfoque criativo ou busquem solucionar problemas, de preferência pautados por uma redação bem informada e receptiva à interação com os entrevistados e telespectadores.

Pautas que devem ser desenvolvidas por profissionais que não tenham preguiça de fazer uma boa apuração. Mais do que isso, que não tenham receio de descer de seu pedestal, por vezes arrogante, e buscar o diálogo com especialistas, com seus saberes acadêmicos, e com gente comum, com seus saberes tradicionais. Ambos, no caso, sendo entendidos não como meras fontes de informação, transformadas em um Isso, mas num Tu como defende o filósofo judeu de origem austríaca Martin Buber (1878-1965).

Nesse sentido, uma das missões do jornalista na construção de uma matéria exemplar seria a de ouvir seres humanos que possuem uma parte de conhecimento que, unidos com perícia pelo profissional, comporiam um mosaico criativo que ajude a compreender os tempos complexos e paradoxais em que vivemos.

#### Referências bibliográficas

- KRAMER, Mark. *Breakable Rules for Literary Journalists*. In: SIMS, Norman; KRAMER, Mark. **Literary Journalism: A New Collection of the Best American Nonfiction**. Nova York: Ballantine Books, 1995, p. 21-34.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Conceito: Jornalismo Literário. **Academia Brasileira de Jornalismo Literário**. Disponível em: <<http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=>>. Acesso em 12 jun 2009.
- \_\_\_\_\_. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2008.
- MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói: estrutura narrativa mítica para a construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.
- \_\_\_\_\_. O novo capítulo 5: jornalismo com alma. **Libero. Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero**. São Paulo, ano XI, n. 22, 2008. Disponível em: <[http://www.facasper.com.br/pos/libero/libero\\_n22.php](http://www.facasper.com.br/pos/libero/libero_n22.php)>. Acesso em: 12 jun 2009.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- RIBEIRO, José Hamilton. **Os Tropeiros: Diário da Marcha**. São Paulo: Globo, 2006.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962.
- WOLFE, Tom. **Radical chic e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## Referências relativas ao Programa Globo Rural

- ARAÚJO, Néson. O cafeicultor colombiano. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-317330-1,00.html>>. Acesso em: 2 mar 2008a.
- \_\_\_\_\_. O café mais suave do mundo. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-317328-1,00.html>>. Acesso em: 2 mar 2008b.
- \_\_\_\_\_. Os segredos do café colombiano. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-317329-1,00.html>>. Acesso em: 2 mar 2008c.
- \_\_\_\_\_. Serviços ambientais – Primeira parte - 1. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-329871-1,00.html>>. Acesso em: 12 out 2008d.
- \_\_\_\_\_. Serviços ambientais – Primeira parte - 2. A execução do projeto em Extrema. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-329872-1,00.html>. Acesso em: 12 out 2008e.
- \_\_\_\_\_. Serviços ambientais – Primeira parte - 3. Água de Extrema abastece São Paulo. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-329873-1,00.html>>. Acesso em: 12 out 2008f.
- \_\_\_\_\_. Serviços ambientais – Segunda parte - 1. Projeto para recuperação da mata em Bapendi (MG). **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-330113-1,00.html>>. Acesso em: 19 out 2008g.
- \_\_\_\_\_. Serviços ambientais – Segunda parte - 2. Agricultores de Baependi prestam serviços ambientais. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-330114-1,00.html>>. Acesso em: 19 out 2008h.
- \_\_\_\_\_. Serviços ambientais – Segunda parte - 3. O potencial de candeia. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-330125-1,00.html>>. Acesso em: 19 out 2008i.
- \_\_\_\_\_. Serviços ambientais – Terceira parte - 1. Exemplo de projeto de conservação. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-330364-1,00.html>>. Acesso em: 26 out 2008j.
- \_\_\_\_\_. Serviços ambientais – Terceira parte - 2. Recursos incentivam fazendeiros. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-330125-1,00.html>>. Acesso em: 26 out 2008k.
- \_\_\_\_\_. Serviços ambientais – Terceira parte - 3. Guardião das nascentes. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-330366-1,00.html>>. Acesso em: 26 out 2008l.
- BUBER, Martin (2007). *Do Diálogo ao Dialógico*. São Paulo: Perspectiva.
- DASSIE, Cesar. O sabor do cerrado. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-316876-1,00.html>>. Acesso em 24 fev 2008.
- IASI, Vico. Roquefort, a lenda - Parte 1. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-326383-1,00.html>>. Acesso em 27 jul 2008.
- \_\_\_\_\_. Roquefort, a lenda - Parte 2. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-326385-1,00.html>>. Acesso em 27 jul 2008.
- \_\_\_\_\_. Roquefort, a lenda - Parte 3. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-326389-1,00.html>>. Acesso em 27 jul 2008.
- MARCONATO, Camila. Alfabetização no campo. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-328509-1,00.html>>. Acesso em: 7 set 2008.
- MATIAS, Ivaci. Algodão colorido conquista mercados. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-315692-1,00.html>>. Acesso em: 3 fev 2008.
- \_\_\_\_\_. Capim dourado. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-314099-1,00.html>>. Acesso em: 6 jan 2008.
- \_\_\_\_\_. Jalapão, uma história. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-314096-1,00.html>>. Acesso em: 6 jan 2008.
- \_\_\_\_\_. O povo do Jalapão. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-314097-1,00.html>>. Acesso em: 6 jan 2008.
- \_\_\_\_\_. O solo do Jalapão. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-314098-1,00.html>>. Acesso em: 6 jan 2008.
- PROGRAMA GLOBO RURAL. **Abertura: Cerco na Amazônia**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-317331-1,00.html>>. Acesso em: 24 fev. 2009a.
- RIBEIRO, José Hamilton. A manutenção numa reserva pantaneira. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-332725-1,00.html>>. Acesso em: 4 jan 2008.

- \_\_\_\_\_. De volta à maior reserva do Pantanal. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <  
<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-332723-1,00.html>>. Acesso em: 4 jan 2008.
- \_\_\_\_\_. O trabalho científico no Pantanal. **Programa Globo Rural**. Disponível em:  
<<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-332726-1,00.html>>. Acesso em: 4 jan 2008.
- \_\_\_\_\_. Sucesso de zebu. **Programa Globo Rural**. Disponível em:  
<<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-316910-1,00.html>>. Acesso em: 24 fev 2008.
- \_\_\_\_\_. Um documentarista da natureza. **Programa Globo Rural**. Disponível em: <  
<http://globoruraltv.globo.com/GRural/0,27062,LTO0-4370-332727-1,00.html>>. Acesso em: 4 jan 2008.